

IX FÓRUM IBÉRICO DE ESTUDOS MUSEOLÓGICOS

Percorrer o território do museu

**ALCALÁ DE HENARES
25 e 26 de setembro de 2025**

A questão do "território" em relação aos museus é algo que tem marcado parte da história recente da instituição, bem como do seu campo de conhecimento: a Museologia. Tanto que passou a ser, juntamente com "o social", um dos principais eixos de debates internacionais. Basta ver as publicações do ICOFOM dos anos 80, ou os encontros da Nova Museologia de Oaxtepec, Quebec, Molinos, etc., para se ter uma ideia da dimensão que assumiu.

Assim, a ideia de território conseguiu evoluir de uma concepção puramente física para ser entendida como um espaço físico-social, um espaço historicamente construído onde se desenvolveram processos sociais e culturais. A Declaração de Oaxtepec (1984) afirmava que:

O território é uma entidade física delimitada por critérios geológicos e biológicos, podendo ou não ser delimitado administrativa ou politicamente; aspectos da produção e do trabalho, laços de parentesco, relações sociais e questões jurídicas também integram e determinam o que é o território (...). O território enquanto património é diacrónico: comporta diferentes formas e conteúdos em função do tempo e do grau de desenvolvimento social; pode mesmo transcender as fronteiras administrativas ou políticas.

Esta concepção significou, ao mesmo tempo, a rutura do território tal como era concebido pelo museu normativo. O museu saiu dos seus muros e as fronteiras simbólicas da dicotomia *interior/exterior* foram quebradas.

No século XXI, as "quatro paredes" como território distintivo do museu são uma quimera. A ideia de território museológico continua a evoluir. Para o museu, o termo território designa as coordenadas espaciais da sua ação e interação com o património e com as pessoas; mas adquiriu também uma dimensão mais individual. Cada indivíduo e cada comunidade é também um território em si mesmo e, por isso, faz parte do território do museu. É neles que se forjam e enraízam os imaginários e as narrativas que constroem as identidades, onde se formam as dimensões físicas das nossas interações e onde se geram as narrativas hegemónicas ou subalternas. Os desafios para o museu e para a museologia residem na construção de um Outro território do museu e na desfamiliarização dos nossos territórios internos normativizados, permitindo-nos avançar para uma ideia de um território museológico transversal e intersectorial.

Objetivo:

O objetivo deste IX Fórum Ibérico de Estudos Museológicos é dar continuidade ao legado de oito edições que reuniram a museologia e os museus no contexto hispano-português. Nesta edição aprofundaremos a ideia de território como um dos pilares dos museus e da museologia. Um território entendido como um sujeito físico, mas também como uma entidade individual e colectiva. O território dentro e fora do museu, o território subjetivo que cria memórias, narrativas, reflexões e contraculturas. Assim, para a chamada de contribuições deste fórum, são propostos os seguintes 4 eixos temáticos:

1. Fronteira, território e memória:

O futuro dos museus e da museologia passa pela recuperação da ideia de territorialidade face a uma realidade social que sofre uma progressiva perda de pertença aos seus territórios, substituindo-os por territórios fictícios e efémeros que produzem a obsolescência de uma sociedade de consumo hipermediatista e digitalizada. O objetivo deste eixo é refletir sobre a importância da ideia de território para os museus e para a museologia em sociedades onde a pertença a um território definido e específico é cada vez mais vaga e efémera, e compreender que o território tem uma densidade física e uma densidade imaterial, enquanto espaço de relações e de identidades. Essa construção espacial implica também transformá-lo em um lugar de disputa, de trânsito, de limites, fronteiras e relações de poder (Tapia, 2004), o que nesse eixo se traduz em questões como: quem define esta ideia de território no museu, como se constrói, que memória(s) se torna(m) visível(is) e quais são silenciadas, onde estão as suas fronteiras, como romper as fronteiras liminares entre rural/urbano, passado/futuro ou o imaginário transfronteiriço entre nações/continentes, Espanha/Portugal/América Latina, ou como os museus podem vertebrar territórios e ajudar em processos de despovoamento.

Principais temas deste eixo:

- 1.1. Percorrer o território do museu: públicos e comunidades.
- 1.2. Construir/destruir fronteiras nos museus: construir um pensamento fronteiriço.
- 1.3. Memória e memórias do museu. O museu como espaço de negociação.
- 1.4. Participação da comunidade nos processos de construção do território do museu.
- 1.5. O museu face aos desafios do despovoamento.

2. Decolonizar o território:

Durante décadas - e séculos - os museus foram lugares onde a identidade de uma sociedade chamada nação permaneceu inalterada, com discursos lineares que são sustentados por discursos e imaginários hegemónicos (García Canclini, 1997). Estes territórios/museus que moldaram as nossas identidades não se enquadram na ideia de território museal que propomos, uma vez que se basearam na fronteira como forma de distinção e não de inclusão e interseccionalidade. A ideia de território em que nos baseamos neste eixo é a de começar a construir múltiplas posições diferenciadas. Isso leva-nos a entender que cada indivíduo e cada comunidade é um território em si. A decolonização passa pela desfamiliarização (Braidotti, 2020), ou seja, pela decolonização dos nossos imaginários que são impostos pelos sistemas dominantes, onde residem o sistema binário de género, as hierarquias raciais, a representação da feminilidade, a construção do Outro e da alteridade, etc.

Este eixo propõe uma reflexão crítica sobre como os museus e as práticas museológicas podem ser repensados a partir de uma perspetiva decolonial, considerando o impacto do colonialismo na construção de territórios e identidades. Convida-nos a explorar como as colecções, narrativas e exposições dos museus podem desafiar as representações canónicas que subjugaram corpos e territórios subalternos, propondo novas formas de tornar visíveis as resistências históricas e contemporâneas. Não é em vão que o ICOM (2024) refere que os museus *não devem apenas preservar e expor colecções, mas também questionar narrativas coloniais e promover discursos inclusivos e plurais*; o que nos leva, nas palavras de Clémentine Deliss, a entender o museu como um "corpo complexo" (2023: 22).

Do mesmo modo, a decolonialidade nos museus não se aplica apenas aos corpos humanos, mas também aos agentes não humanos que historicamente têm sido exibidos como objectos de estudo, despojados dos seus contextos ecológicos e culturais. Animais, restos fósseis e outros elementos da natureza têm sido representados a partir de uma perspetiva extractivista e colonial, desligando-os dos povos e territórios com os quais coexistiram. Em resposta, as práticas museológicas contemporâneas estão a repensar a exposição e o tratamento destes agentes não-humanos, promovendo abordagens que os reconhecem como parte de redes de vida e de conhecimento que têm sido historicamente marginalizadas.

Principais temas deste eixo:

- 2.1. Dinâmicas de inclusão/exclusão em museus.
- 2.2. Estratégias para decolonizar os museus.
- 2.3. Metodologias para a incorporação de múltiplas narrativas nos museus.
- 2.4. Zonas de contacto: suprimir a supremacia da diferença cultural.
- 2.5. Os direitos culturais no centro das estratégias museológicas.
- 2.6. Contribuição da herança colonial para a formação da identidade pós-colonial.

3. O território digital (do museu):

Os territórios "tradicionais" são deslocados por uma desterritorialização digital, caracterizada pelo nomadismo e pela não pertença antrópica. O nomadismo surdo e solitário da nossa sociedade é reforçado por uma convergência para a velocidade implacável do desenvolvimento, a difusão da ideologia do lucro e a expansão da gestão mercantil da tecnologia da informação.

No entanto, neste contexto de um mundo em mudança, o ambiente digital e virtual é uma realidade territorial para o museu. Oferece tantas possibilidades como desafios. Se o território físico e humano era uma responsabilidade ética do museu, agora é também o digital. Neste contexto, é pertinente refletir sobre a forma como os museus gerem estes territórios, como são capazes de incluir diferentes narrativas, como podem contribuir para reduzir a "normalidade" da desinformação, etc.

Principais temas deste eixo:

- 3.1. Interpretação do património através de ambientes digitais.
- 3.2. Estratégias de comunicação face à desinformação e às *notícias falsas*.
- 3.3. Interatividade, criação/inteligência colectiva e/ou ligação na dimensão digital dos museus.
- 3.4. Novos vestígios: o papel da IA no museu.
- 3.5. Cultura da participação: os media digitais como instrumento de democratização

4. Intervenção no território:

As salas dos museus são um espaço de ucronia e de simulacros. Tudo o que nelas é representado procura emular narrativas que se aproximem da veracidade do passado e/ou que estimulem emocional e sensorialmente. A intervenção museográfica e artística não foi - e não é - isenta de críticas. A conceção de um museu para além dos seus muros foi uma forma de atenuar esta ucronia através de uma intervenção direta no território, quer nos centros urbanos, quer nos espaços naturais. No entanto, também não foi alheia a polémicas. São

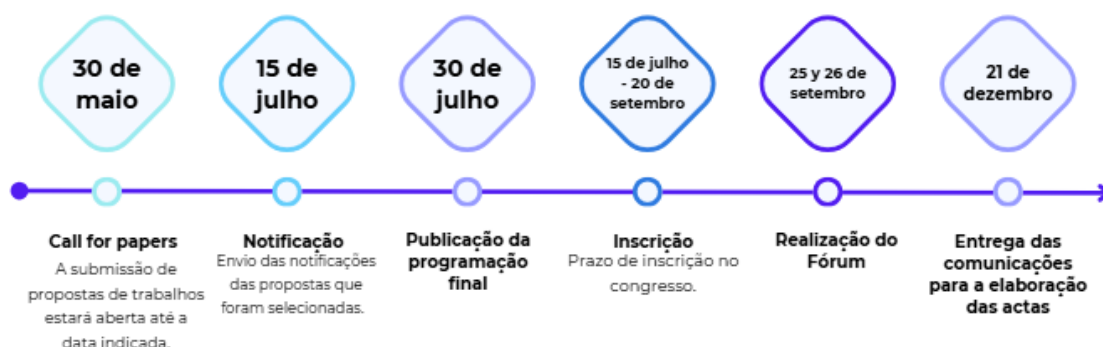
ainda narrativas contemporâneas inseridas em espaços com narrativas e identidades históricas e por vezes hegemonicamente construídas. Dentro ou fora do museu, as intervenções moldam a paisagem cultural e o ecossistema definido, provocando uma dialética entre imaginários instituídos e novas propostas.

Nesse eixo, o foco está na configuração dessas paisagens culturais que se estabelecem dentro ou fora dos limites construtivos do museu, especialmente aquelas que emanam das intervenções das manifestações artísticas contemporâneas.

Principais temas deste eixo:

- 4.1. A arte contemporânea no meio local e rural.
- 4.2. Mediação e institucionalização.
- 4.3. Experiências educativas em espaços urbanos e naturais.
- 4.4. Património e educação: releituras críticas do espaço.
- 4.5. Musealização do ambiente urbano ou rural.
- 4.6. Regeneração dos espaços patrimoniais e museológicos.
- 4.7. Gentrificação da memória da cidade.
- 4.8. Declaração do Património Mundial: uma visão crítica das relações entre os agentes culturais.

Datas importantes:



Comitê organizador:

Óscar Navajas Corral (Universidade de Alcalá)
Julio Seoane Pinilla (Universidade de Alcalá)
Álvaro Notario Sánchez (Universidade de Castilla-La Mancha)
Ariadna Ruiz Gómez (Universidade de Málaga)
Marta Pascual Marzo (Universidade de Alcalá)
Alejandro Dueñas Elvira (Universidade de Alcalá)
Irene Pérez López
Irene Sánchez Izquierdo (Universidade de Alcalá)
Iñigo Ayala Aizpuru (Universidade Internacional de La Rioja)
Pedro Júlio Enrech Casaleiro (Universidade de Coimbra)
María Aurora Molina Fajardo (Universidade de Alcalá)

Organização:



Entidades parceiras:



Proyecto: "Patrimonio Inmaterial y museos ante los retos de la sostenibilidad cultural, política, estrategias y metodologías en la era postcovid (PINUS4)" (PID2021-123063NB-I00). Financiación: Agencia Estatal de Investigación



Proyecto: "Museos de arte moderno/contemporáneo en España: su engarce territorial e internacional" (PID2022-139553NB-I00) - Financiación: Agencia Estatal de Investigación del Ministerio de Ciencia e Innovación (Gobierno de España) AEU10.13039/501100011033/ y FEDER: "Una manera de hacer Europa".



Proyecto: "El Madrid Americano. Patrimonios compartidos y rutas turísticas en la Comunidad de Madrid, siglos XVI-XXI (AmerMad2-CH)", (PHS-2024/PH-HUM-184). Financiación: Dirección General de Investigación e Innovación Tecnológica de la Comunidad de Madrid.



Observatorio Aragonés de Arte en la Esfera Pública



INSTITUTO UNIVERSITARIO DE INVESTIGACIÓN DE GÉNERO E IGUALDAD
UNIVERSIDAD DE MÁLAGA



IN2PAST
PATRIMÓNIO | ARTE | SUSTENTABILIDADE | TERRITÓRIO



Comitê Científico:

Alejandro Nuevo Gómez (Museo Nacional de Escultura, España)

Álvaro Notario Sánchez (Universidad de Castilla-La Mancha, España)

Amaia Arriaga (Universidad Pública de Navarra, España)

Ana Cardoso de Matos (CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora, Portugal)

Ana Carvalho (CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora, Portugal)

Ana Cristina Martins (IHC – Instituto de História Contemporânea – Polo de Évora/IN2PAST, Portugal)

Ángeles Layuno Rosas (Universidad de Alcalá, España)

Antónia Conde (CIDEHUS – Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora, Portugal)

Ariadna Ruiz Gómez (Universidad de Málaga, España)

Clara Frayão Camacho (MMP - Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. e PNA – Plano Nacional das Artes; IHA – Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal)

Dora Llamas (ICOM España)
Elisabete Pereira (IHC – Instituto de História Contemporânea – Polo de Évora/IN2PAST, Portugal)
Esther Alba (Universitat de València, España)
Fabien Van Geert (Université Sorbonne Nouvelle, Francia)
Haizea Barcenilla (Universidad del País Vasco, España)
Helena Barranha (Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa; IHA – Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal)
Inmaculada Real López (Universidad Complutense de Madrid, España)
Iñaki Arrieta Urtizberea (Universidad del País Vasco, España)
Iñigo Ayala Aizpuru (Universidad Internacional de La Rioja, España))
Irene Pérez López (Espana)
Javier Arnaldo (Museo del Prado, España)
Jesús Pedro Lorente (Universidad de Zaragoza, España)
Joana Baião (CIMO – Centro de Investigação de Montanha/LAM-GM – Laboratório de Artes na Montanha – Graça Morais, IPB – Instituto Politécnico de Bragança; IHA – Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal)
Juan Manuel Monterroso Montero (Universidad de Santiago de Compostela, España)
Lúcia Almeida Matos (Universidade do Porto, Portugal)
Matteo Mancini (Universidad Complutense de Madrid, España)
María Aurora Molina Fajardo (Universidad de Alcalá, España)
Nuria Rodríguez Ortega (Universidad de Málaga)
Óscar Navajas Corral (Universidad de Alcalá, España)
Patricia Roque Martins (Universidad NOVA de Lisboa, Portugal)
Pedro Júlio Enrech Casaleiro (Universidad de Coimbra, Portugal)
Raquel Henriques da Silva (Universidad NOVA de Lisboa, Portugal)
Sara Albuquerque (IHC – Instituto de História Contemporânea – Polo de Évora/IN2PAST, Portugal)
Susana S. Martins (IHA – Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa, Portugal)
Teresa Reyes i Bellmunt (Cap de la Secció Tècnica de l'Oficina de Patrimoni Cultural, Diputació de Barcelona, España)
Xavier Roigé i Ventura (Universidad de Barcelona, España)

Perfil do comunicador:

Museólogos, museógrafos e especialistas nas linhas temáticas abordadas nesta convocatória do IX Fórum Ibérico.

Professores e investigadores, estudantes de doutoramento e pós-doutoramento nas mesmas áreas de conhecimento, bem como profissionais de museus.

Registo:

A taxa do encontro será de 40 euros para os oradores. Se uma comunicação tiver mais do que um autor, cada um deles deve pagar a sua própria taxa. No final do encontro, será entregue um certificado de participação. A taxa para os oradores inscritos nos programas de doutoramento e pós-doutoramento será de 20 euros, sujeita a acreditação.

A taxa da reunião para os participantes será de 15 euros e a inscrição será gratuita para os inscritos em estudos de licenciatura, mestrado e doutoramento das entidades representadas pelo Comitê Científico¹. Após a participação nas sessões do encontro e a revisão da atividade proposta, será atribuído um certificado de participação.

O valor da inscrição terá de ser feito via transferência bancária com os dados da entidade abaixo². Deve incluir no assunto da transferência o código do centro de custos que também se encontram abaixo discriminados.

IBAN: ES87 0049 6692 8727 1630 5096.

BIC: BSCHEMMXXX

UNIVERSIDAD DE ALCALÁ – NIF: Q2818018J

Código do Centro de custos: 3099ZZ159

Link de acesso ao formulário para inscrição no evento.

Formulário: <https://forms.gle/diFaiScxLNUNT6BR7>

Para mais informações: forumibericomuseologia@gmail.com

Apresentação de trabalhos:

- Apelido:
- Nome:
- Endereço eletrónico de contacto:
- Estudos concluídos ou em curso:
- Universidade / Instituição de origem:
- CV (150 palavras):
- Eixo temático do congresso:
- Título da comunicação:
- Resumo (500 palavras):

Este formulário deve ser enviado para o seguinte endereço eletrónico: forumibericomuseologia@gmail.com com o seguinte assunto: APELIDO, NOME PRÓPRIO, ASSUNTO

¹ Entidades: Universidad de Alcalá, Museo Nacional de Escultura, Universidad de Castilla-La Mancha, Universidad Pública de Navarra, Universidade de Évora, Universidad de Málaga, ICOM España, Universitat de València, Université Sorbonne Nouvelle, Universidad del País Vasco, Universidad Internacional de La Rioja, Museo del Prado, Universidad de Zaragoza, Universidad de Santiago de Compostela, Universidad Complutense de Madrid, Universidad de Coimbra, Instituto de História Contemporânea – Polo de Évora/IN2PAST, Universidade NOVA de Lisboa, Cap de la Secció Tècnica de l'Oficina de Patrimoni Cultural, Diputació de Barcelona, y Universidad de Barcelona.

² Caso seja necessário a emissão de fatura, o pedido poderá ser efetuado através do email do Fórum até 30 dias depois da realização da transferência.

Publicação:

Após a realização do fórum e até às 23h59 do dia 21 de dezembro de 2025, os participantes poderão submeter um artigo sobre o seu trabalho. Após uma avaliação por pares cega e sua aceitação, os artigos serão publicados.